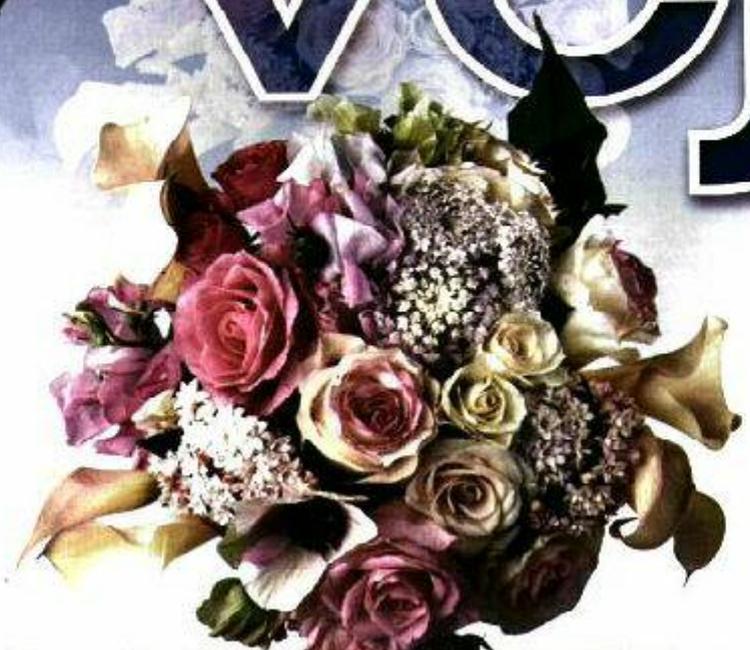


VÔO CEGO
O caos nas férias pode ser maior

veja

www.veja.com.br

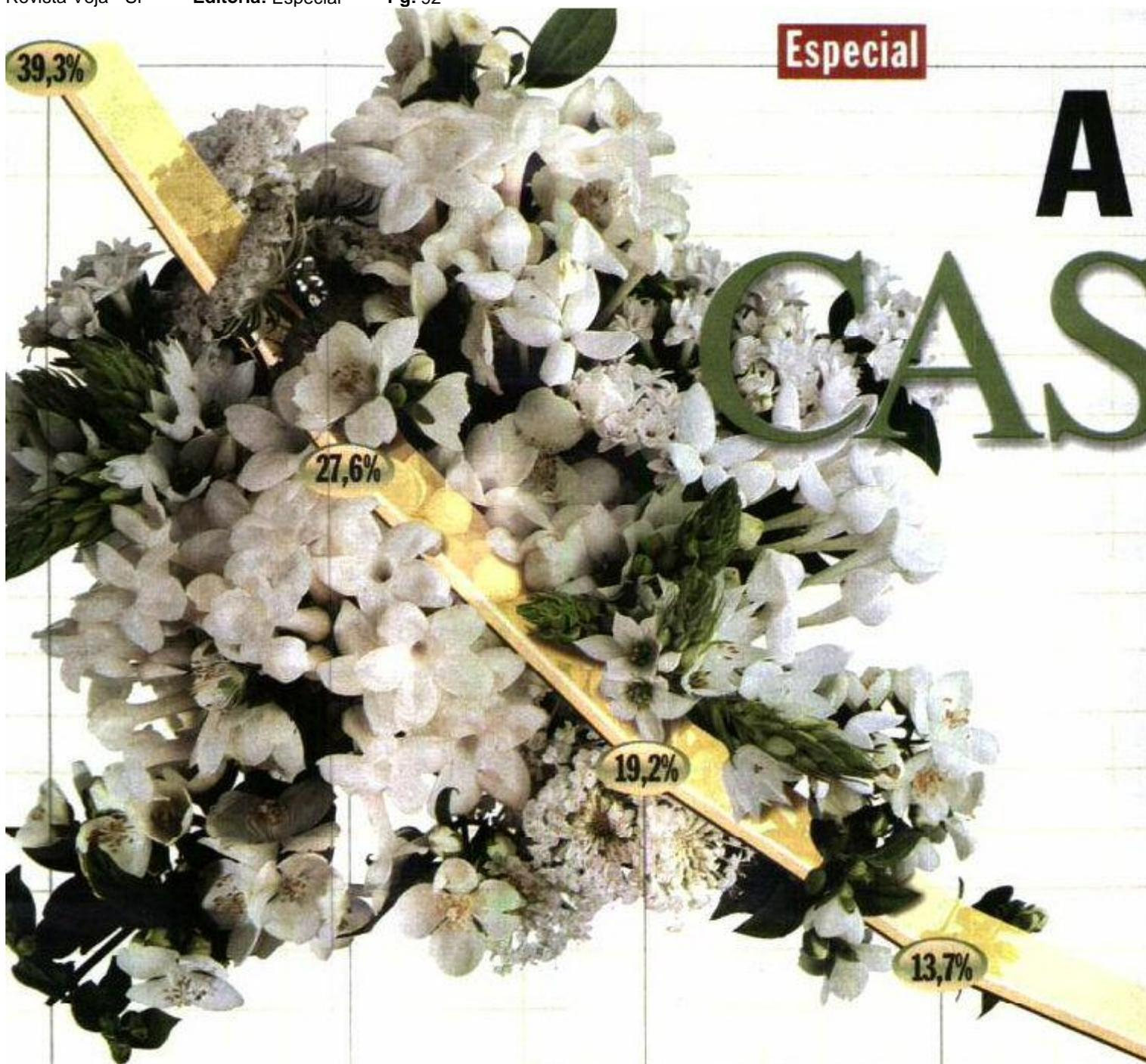


AS CHANCES DE CASAR

- 9 entre 10 brasileiras que passam dos 40 anos solteiras continuarão solteiras ■
- Confira as chances de uma mulher se casar no Brasil aos 25, 30, 40, 45 anos ■
- As estatísticas explicam por que faltam homens solteiros compatíveis ■



Especial



Cadê o buquê que estava aqui?

Quais as chances de a mulher que é solteira hoje, no Brasil, vir a se casar um dia? A impressionante curva exibida nestas páginas responde: cada vez menores. Do contingente de jovens na faixa dos 25 anos, menos da metade deve encontrar marido de papel passado; na faixa dos 45, só 10%. Trata-se de uma projeção feita para VEJA a partir de dados do último Censo e de informações do Registro Civil. Como todo exercício do gênero, não leva em conta diversas variáveis que podem, com o passar do tempo, alterar seus resultados. Mas delinea uma tendência, que de resto pode ser constatada na prática em toda parte: a de que as mulheres estão se casando mais tarde e, nesse processo, muitas acabam não se casando nunca

25 anos

30 anos

35 anos

40 anos

VIDA SEM CAMENTO

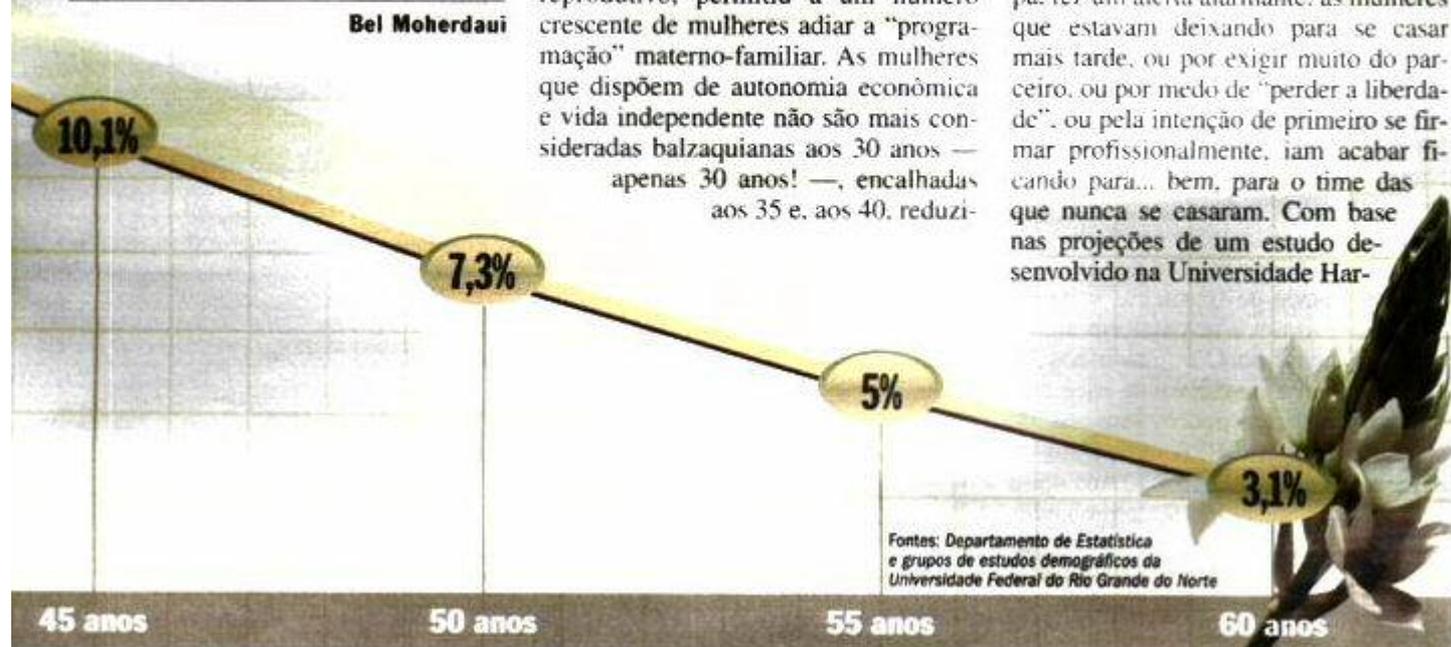
Nunca houve tantas mulheres bem-sucedidas, bem-cuidadas e bem de vida. E nunca houve tantas solteiras. Por opção, distração ou falta de oportunidade, elas não acham um marido a contento. Ou, simplesmente, um marido

Bel Moherdaui

Afinal, o que as mulheres querem? No campo das aspirações femininas mais fundamentais, essa é uma pergunta fácil de responder. Por razões sociais, culturais e biológicas, a maioria absoluta das mulheres aspira a encontrar um companheiro, casar-se, constituir família e, por intermédio dos filhos, ver cumprido o imperativo tão profundamente entranhado em seu corpo e em sua psique ao longo de centenas de milhares de anos de história evolutiva. A diferença a que se assiste hoje é que não existe mais um calendário fixo para que isso aconteça. A formidável mudança que eclodiu e se consolidou ao longo do último século, com o processo de emancipação feminina, o acesso à educação e a conquista do controle reprodutivo, permitiu a um número crescente de mulheres adiar a "programação" materno-familiar. As mulheres que dispõem de autonomia econômica e vida independente não são mais consideradas balzaquianas aos 30 anos — apenas 30 anos! —, enalhadas aos 35 e, aos 40, reduzi-

das irremediavelmente à condição de solteironas, quando não agregadas de baixíssimo status social, melancolicamente mexendo tachos de comida para os sobrinhos nas grandes cozinhas das famílias multinucleares do passado. Imaginem só chamar de titia uma profissional em pleno florescimento, com um ou mais títulos universitários — e um corpinho bem-cuidado que enfrenta com honras o jeans de cintura baixa ou o biquíni nos intervalos dos compromissos de trabalho. Além de fora de moda, o termo pode ser até ofensivo. O contraponto a esses avanços é que, quanto mais as mulheres prorrogam o casamento, mais se candidatam a uma vida inteira sem alcançá-lo.

Em 1986, a revista americana *Newsweek*, em memorável reportagem de capa, fez um alerta alarmante: as mulheres que estavam deixando para se casar mais tarde, ou por exigir muito do parceiro, ou por medo de "perder a liberdade", ou pela intenção de primeiro se firmar profissionalmente, iam acabar ficando para... bem, para o time das que nunca se casaram. Com base nas projeções de um estudo desenvolvido na Universidade Har-



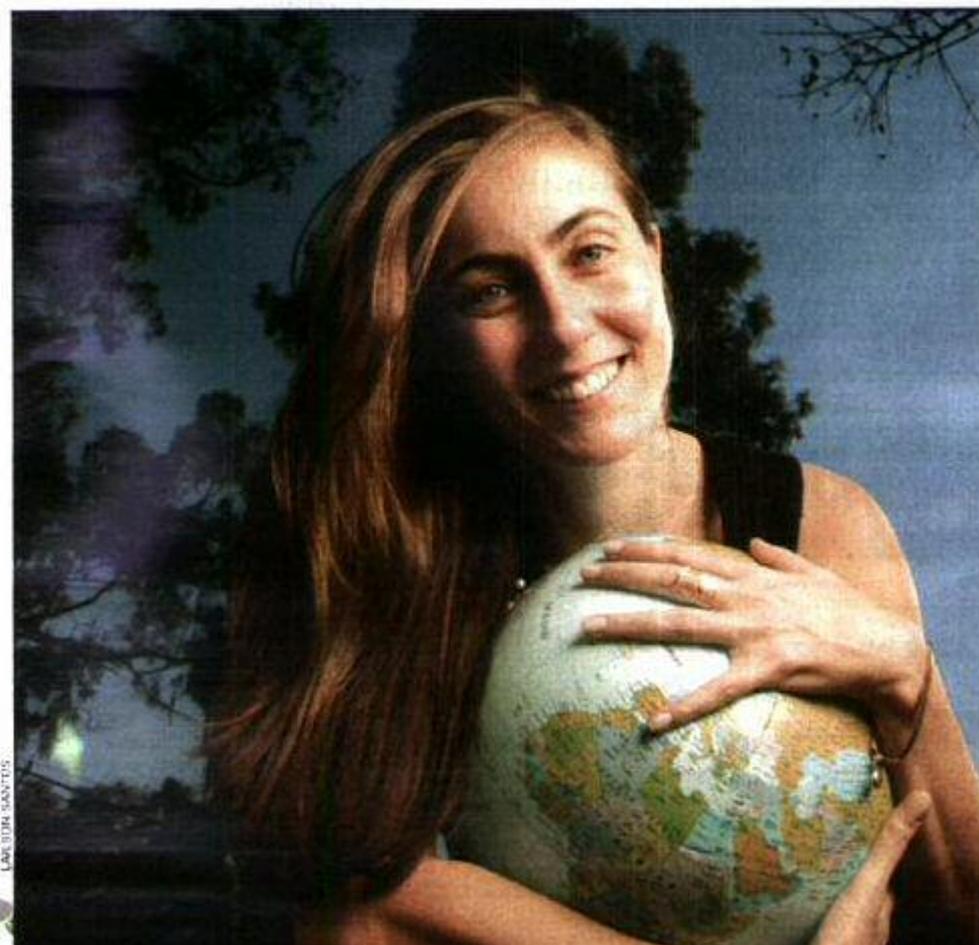
vard, a revista dizia que "a mulher branca, com diploma universitário, nascida em meados dos anos 50, que ainda estiver solteira aos 30 anos tem só 20% de chance de se casar"; aos 35, a probabilidade caía para 5% e aos 40, para poucos 2,6% — propiciando aí uma das frases mais execradas de todos os tempos, a de que essa mulher teria "mais probabilidade de morrer num ataque terrorista" do que de encontrar marido (isso, naturalmente, antes que os ataques terroristas chegassem ao território americano). Passados vinte anos, a revista voltou ao mesmo assunto e aos mesmos personagens, desta vez com base em fatos em vez de projeções, e constatou: a previsão era exagerada. "Hoje se sabe que cerca de 90% dos homens e das mulheres daquela geração já se casaram, ou vão se casar, o que é perfeitamente compatível com as médias históricas", concluiu a *Newsweek*. E, no Brasil, qual a situação da mulher que chega à casa dos 30 sem se casar? VEJA consultou dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), examinou pesquisas, conversou com especialistas e constatou: as mulheres que consideram de importância fundamental a aliança na mão esquerda devem ficar atentas à passagem do tempo — ou, quem sabe, mudar-se para os Estados Unidos.

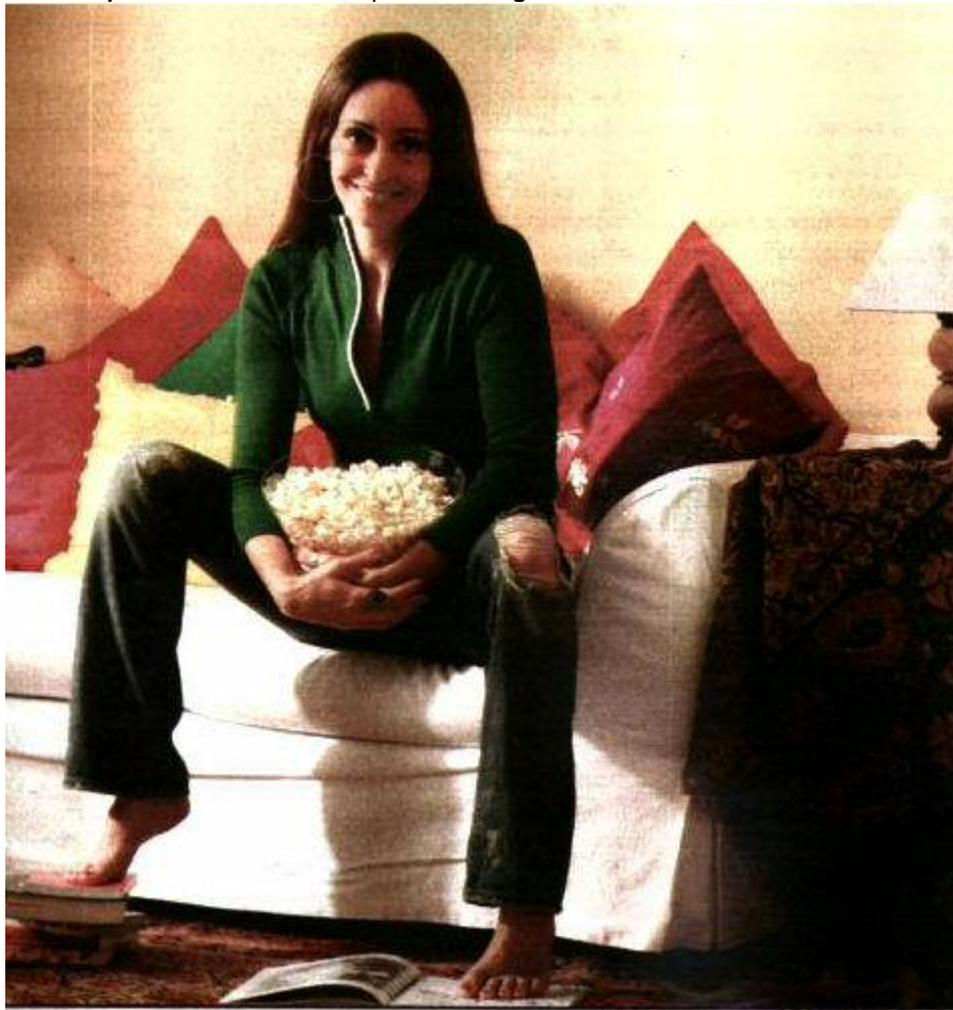
O número de mulheres com 35 a 39 anos que continuam solteiras é bem maior agora do que há dez anos — pelo censo do IBGE, a porcentagem, na faixa daquelas com diploma universitário, pulou de uma já alentada média de 20% em 1991 para 30% em 2000, o último dado disponível. E as perspectivas não são animadoras. A pedido de VEJA, um grupo de pesquisadores do departamento de estatísticas e demografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte cruzou dados do último censo com informações do Registro Civil e, aplicando a mesma técnica usada para prever taxas de expectativa de vida, calculou a chance de brasileiras solteiras atualmente virem a se casar em algum momento no futuro. O resultado: aos 30, elas têm 27,6% de chance de encontrar um marido. Parece pouco? Pois aos 35, a chance cai quase 10 pontos, e aos 40 despenca para meros 13,7%. Aos 45, a solteira tem apenas 10,1% de probabilidade de comparecer perante um juiz de paz. Não se trata de um cenário que se

SOLTEIRA POR DISTRAÇÃO

"Quando sou apresentada a alguém e digo que nunca me casei, as pessoas começam a procurar o que eu tenho de errado. Isso acontece frequentemente, mas não me sinto enalhada. Acho que demorei para sair da adolescência. Vejo isso como um problema da minha geração. Fomos muito protegidos pelos pais e acabamos ficando mais tempo na posição de filhos, mesmo já sendo independentes financeiramente. Eu estava me divertindo, a vida era boa, trabalhava bem e sempre achava que aquele não era o cara para a vida inteira. Eu me distraí e não me casei. Mas quero me casar, só que não com qualquer um. Quero me casar muito apaixonada. Não sei se sou romântica demais. Acredito que ainda vou encontrar alguém para mim."

ÂNGELA BRITTO, 38 ANOS





TERMINAR E ALARME



MEDO, NÃO. TRISTEZA

"Às vezes me sinto adolescente, como se o tempo não tivesse passado. Mas também me assusto quando vejo que já estou com 35 anos e poderia ter um filho. Não tenho medo de não me casar, não vivo em função disso. Mas claro que seria triste se ficasse solteira para sempre, porque acho que o casamento faz parte da vida. Por muito tempo sonhei em casar na igreja, com véu e grinalda. Mas, até uns cinco anos atrás, tinha pavor de casamento. Quando pensava nisso, me sentia muito nova, despreparada. Hoje, mudei de sonho e de atitude. Só quero encontrar alguém legal, com quem eu possa dividir as coisas e que encare a vida como eu."

LETICIA CARDINALI, 35 ANOS

possa tomar como incontornável ou irreversível. "É importante ressaltar que o gráfico trabalha com a chance de uma mulher se casar oficialmente contraposta à de ela ou permanecer solteira, ou se unir a alguém sem se casar oficialmente, ou morrer", enumera o pesquisador Flávio Henrique Freire, coordenador do estudo. Todo mundo sabe que as uniões não formalizadas são frequentes, em especial entre casais nos quais a parte feminina não sente a premência do "papel passado". Mas que os números impressionam.

Ao contrário do estudo americano, o cálculo feito por Freire e sua equipe leva em consideração não apenas as mulheres brancas com alta escolaridade, mas toda a população feminina do país. De acordo com o economista Marcelo Neri, da Fundação Getulio Vargas, que já analisou a questão de sexo e estado civil em estudos do Centro de Políticas Sociais da FGV, que ele coordena, para o grupo específico das que chegam à universidade (onde se incluíam justamente as mulheres executivas) as probabilidades tendem a ser ainda menores. "Mulheres sozinhas têm renda 62% mais alta que a das acompanhadas. Quanto mais renda, mais sozinhas; quanto maior a idade, menor o número de acompanhadas; e nas cidades grandes há mais sozinhas do que nas cidades menores ou nas zonas rurais", diz ele. "Quer dizer, se você é executiva, é solteira, passou dos 45 e vive na capital, prepare-se para tirar o máximo proveito da vida a um", aconselha.

A atenção despertada pelo grande contingente de mulheres solteiras é produto de um momento de transição: as transformações sociais, econômicas e tecnológicas das últimas décadas foram tão rápidas que a matriz de comportamentos profundamente solidificados não teve tempo de acompanhar a mudança. Num futuro não muito distante, mulheres e também homens que nunca se casam ou não têm filhos, ou ainda que resolvem tê-los depois dos 50 e até dos 60 anos, provavelmente estarão tão entranhados na paisagem social que ninguém vai reparar. Depois de deixar de ser incontornável, o imperativo da reprodução da espécie também não terá nada de categórico. "O adiamento do casamento é consequência da pílula anticoncepcional, que permitiu separar prazer

de reprodução, do aumento da longevidade — hoje a mulher morre, em média, com 75 anos, cinco a mais do que há quinze anos —, da chamada adolescência tardia dos que permanecem na casa dos pais com liberdade e conforto e da emancipação econômica”, lista a psiquiatra Carmita Abdo, coordenadora do Projeto Sexualidade do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo. Em sua área de atuação, a psiquiatra depara constantemente com mulheres que deixam o casamento para mais tarde porque privilegiam a carreira de maneira consistente, não como atividade paralela ao interesse principal — casar e ter filhos. “Elas querem destaque profissional, não apenas trabalhar e ter um salário”, analisa Carmita. É mais ou menos a história de vida da publicitária paulistana Regina Celi de Macedo, 42 anos, que por muitos anos pôs a carreira na frente do casamento, para desgosto da família — de uma tia mais preocupada, ganhou “uma imagem de Santo Antônio com uma fitinha benzida”, para aumentar as chances de arran-

jar marido. Chegando perto dos 40, porém, a própria Regina acusou a pressão. “Percebi que alguma coisa estava faltando. Comecei a fazer terapia e vi que tinha deixado o tempo e as oportunidades passarem. Mudei”, afirma.

Adiar a união até a carreira estar relativamente bem encaminhada e a independência econômica consolidada tem uma vantagem evidente: o eventual marido deixa de ser a tábua da salvação financeira, a garantia de sobrevivência. Isso, por sua vez, cria uma espécie de ciclo vicioso. Como não precisa, a todo custo, ter um homem para lhe assegurar o status social e econômico, a mulher profissionalmente bem-sucedida é também mais exigente na hora de escolher seu parceiro. “Mulheres que se dedicaram à carreira e se tornaram qualificadas buscam homens tão ou mais qualificados do que elas. Só que a qualificação se divide na população como uma pirâmide, ou seja, quanto mais qualificado e bem remunerado, mais raro o parceiro. Elas terão mais dificuldade em



UTAMOND/IMAGS DE OLIVEIRA

ARTISTA FAMOSA PROCURA...

Se para a solteira comum é difícil encontrar um marido a contento, imagine no mundo das celebridades, onde as mulheres mais bem-sucedidas do mundo do espetáculo têm em geral duas opções: colegas com o mesmo status, que acabam estranhando a competição, ou homens de posição social inferior, que também reclamam de viver à sombra e ainda ficam de olho no dinheiro delas. A variedade de estilos amorosos adotados por um punhado de famosas mostra que a vida é dura, mas diversificada, para todas:

BRITNEY SPEARS

24 anos



Estrela pop desde os 17 anos, Britney resolveu rapidinho um dos grandes dramas das mulheres bem-sucedidas: quando interromper a carreira para ter filhos. Teve logo dois emendados — e imediatamente em seguida dispensou o marido. Sua curta mas movimentada trajetória amorosa mistura os tropeços comuns às garotas novinhas e o exercício do poder de sedução das grandes divas. Comportada namoradinha do cantor Justin Timberlake, Britney começou a saltar de testa em festa, enroscada em notórios bad boys (Ela bebe! Ela fuma!). Numa noite de farra em Las Vegas, casou e descasou em questão de horas com um amigo de infância. Por fim, uniu-se de papel passado com Kevin Federline, dançarino sem eira nem beira de sua trupe, que por ela deixou mulher grávida e filha de 2 anos. Sean nasceu em setembro de 2005; Jayden, em setembro passado. Britney emagreceu, mudou o cabelo e pediu o divórcio. Por e-mail, via BlackBerry.

JENNIFER LOPEZ

37 anos



Foco na carreira é pouco para essa dançarina filha de porto-riquenhos, que canta pouco e, mal dirigida, é um fiasco nas telas, mas que com carisma e obstinação se tornou a primeira latina a virar estrela classe A nos Estados Unidos. Os amores acompanharam sua ascensão. Casou-se com o garçom Ojani Noa (durou um ano), depois com o bailarino Cris Judd (durou um ano e quatro meses). Noiva do ator Ben Affleck, viveu com ele um misto de superexposição benéfica para a carreira e fiasco sentimental. Há pouco mais de dois anos, casou-se com o cantor Marc Anthony, que por ela deixou mulher e dois filhos. Embora bem-sucedido, o cantor não se compara a ela em termos de fama. E os filhos?, pergunta todo mundo — sem resposta até agora. “Meu maior medo é ficar sozinha”, disse Jennifer certa vez. “Nós, artistas, procuramos os holofotes porque lá não estamos sós: somos adorados e as pessoas querem estar conosco. O medo da solidão domina a minha vida.”

PLANET PHOTOGRAPHY/FILES

SCOTT GREGSBY/IMAGS



CHANCES DESPERDIÇADAS

"Ser solteira é bom? Aparentemente, é ótimo. Mas o fato de ser solteira não te dá uma varinha mágica para ficar tudo maravilhoso. Claro que tenho meu espaço, minha vida, meu dinheiro, a liberdade de estar com quem eu quero, quando quero. Mas também tem o lado negativo, que é a solidão. Sinto falta de dividir as emoções com alguém. Já encontrei pessoas maravilhosas e hoje penso que eu poderia ter dado uma chance. Quantas vezes deixei de namorar porque ele fumava? Ou falava alto? Dizem que quem pensa muito não se casa. Acho que é isso mesmo."

EUNICE FEIGEL, 53 ANOS

achar um homem do seu nível", diz o professor de relacionamento amoroso do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo Ailton Amélio da Silva, autor do livro *O Mapa do Amor*.

A administradora de empresas Beatriz Rossi está, aos 46 anos, segura de que não se casou por opção e fez a escolha certa. "Até os 30, eu queria. Mas aí vi a vida das amigas que tinham se casado e mudei de idéia. Tem de dar muita satisfação ao outro", explica. No entanto, quer e continua buscando "um companheiro, cada um na sua casa". Sua procura tropeça num fator cada vez mais freqüente na vida das mulheres maduras e bem-sucedidas: o homem mais novo, que tanto pode ser um problema quanto uma solução. "Aparece muito rapaz mais jovem. Para eles, é cômodo se casar com alguém que é financeiramente independente. Casar, não quero. Mas no futuro me vejo, sim, namorando alguém mais novo do que eu", reflete. De fato, as estatísticas mostram que, sobretudo no segmento das pessoas com alta esco-



JULIA ROBERTS
39 anos

Como toda estrela, Julia Roberts sempre viveu cercada de cabeleireiros e maquiadores. Numa das uniões mais bizarras do show business, casou-se por impulso com o esquisito cantor de música country Lyle Lovett – e por ele foi dispensada via fax. Em 2002, relógio biológico acelerado, apaixonou-se pelo cinegrafista Daniel Moder e empreendeu campanha cerrada para fisgá-lo. Não que Moder opusesse grande resistência. Ocorre que a então mulher dele, a maquiadora Vera Moder, ficou uma fera e recusou o divórcio, bradando, não sem certa dose de razão, que Julia era uma "ladra de maridos" e que estava "desesperada para casar". No fim, uma "doação" estimada em 1 milhão de dólares amoleceu Vera: o divórcio saiu, Julia (salário por filme: 25 milhões de dólares) e Moder (salário anual: 60 000 dólares) se casaram, ela se submeteu a tratamento e no fim de 2004 teve um casal de gêmeos, Hazel e Phinnaeus.

KEVIN WINTER/GETTY IMAGES



MADONNA
48 anos

Geniosa, teimosa e decidida, Madonna começava a ser Madonna quando se casou com o complicado ator Sean Penn. Tinha tudo para dar errado, e deu, inclusive com troca de sapatos. Ela seguiu em frente, colecionando escândalos, sucessos e namorados (e namoradas, segundo boato que adorou incentivar). Quando resolveu engravidar, convocou um reprodutor sem maiores ambições, o personal trainer cubano Carlos Leon. Nasceu Lourdes Maria, hoje com 10 anos. O distanciamento reprodutivo sumiu quando se encantou pelo diretor inglês Guy Ritchie, bonito, machão, dez anos mais novo. Por ele, com quem teve o filho Rocco, 6 anos, mudou-se para a Inglaterra e aprendeu até a cavalgar. Já foi vista chorando em público, em típica briga de casal. Em outubro, adotou (está tentando, ao menos – sendo Madonna, há controvérsias) em Malaui o menino David Banda, de pouco mais de 1 ano, e fala em adotar uma menina, para "restaurar o equilíbrio familiar".

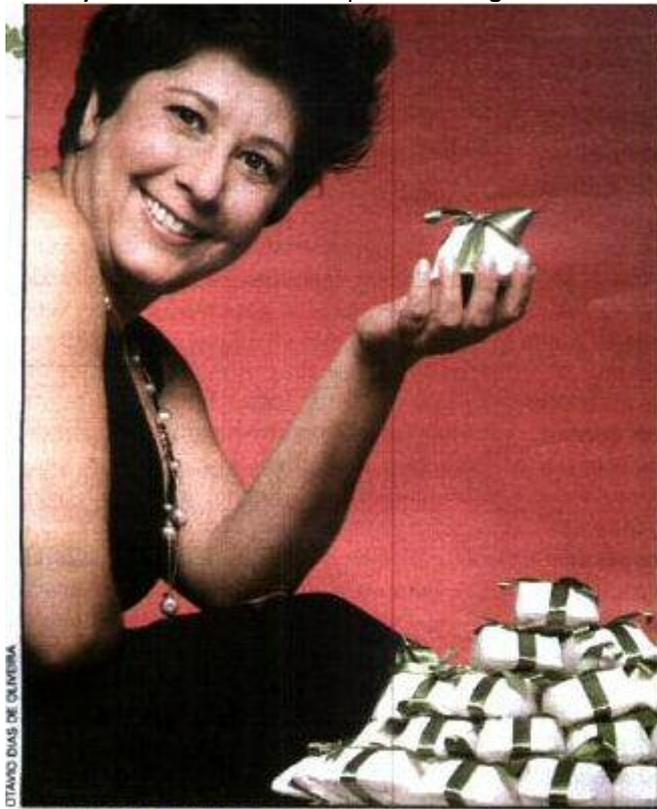
JO HALE/GETTY IMAGES



SHARON STONE
48 anos

Quando cruzou as pernas e virou ícone global de sensualidade em *Instinto Selvagem* (1992), Sharon Stone já tinha namorado muito e casado duas vezes. Notoriamente instável, apesar da inteligência e da beleza em graus quase inacreditáveis, parecia ter encontrado uma vida tão normal quanto possível quando se casou, em 1998, com Phil Bronstein, um jornalista tipo intelectual-porém-durão. Após alguns abortos espontâneos, o casal adotou o menino Roan, hoje com 6 anos. Em maio de 2005, já separada de Bronstein (ficaram seis anos juntos; ele levou 5 milhões de dólares), Sharon adotou Laird. Em agosto passado, levou para casa o terceiro filho, Quinn. Recuperada do susto de um aneurisma cerebral e da decepção com *Instinto Selvagem 2*, um fracasso de bilheteria, Sharon diz que não namora há mais de um ano, e tudo bem: "Descobri que é possível ser mãe, solteira e feliz. As mulheres podem tudo". Tradução: está faltando homem até para Sharon Stone.

EVAN AGOSTINI/GETTY IMAGES

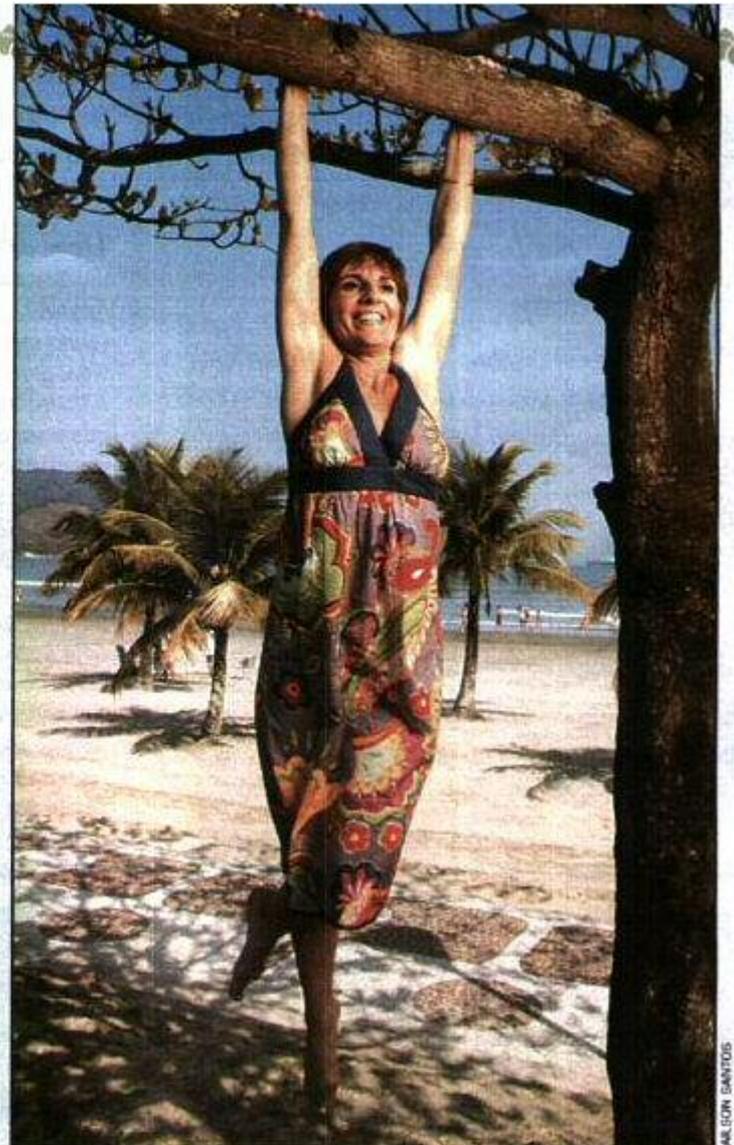


OTAVIO DIAS DE OLIVEIRA

TERAPIA DA VIRADA

"Há dois ou três anos percebi que alguma coisa estava faltando. Comecei a fazer terapia e vi que tinha deixado passar o tempo e as oportunidades. Mudei — desde o cabelo até o jeito de me vestir. Passei a usar mais decote, fiquei mais jovem e feminina. Comecei a me matar menos no trabalho e a sair mais cedo. Aprendi a delegar funções a outras pessoas. Agora só desmarco programas pessoais em caso de urgência. Não troco mais minhas coisas por trabalho. Conheci muita gente nova, mas ainda não apareceu nenhum namorado."

REGINA MACEDO, 42 ANOS



LAILSON SANTOS

SEM BEBÊS ELEFANTES

"Até os 30 anos eu queria me casar. Mas aí vi a vida das amigas que tinham se casado e mudei de idéia. Tem de dar muita satisfação ao outro. Hoje, quero um companheiro, mas cada um na sua casa. Não fico procurando namorado. Aparece muito rapaz mais jovem. Para eles, é cômodo se casar com alguém que é financeiramente independente. Casar, não quero. Afinal, quem tem filho grande é elefante.

Mas no futuro me vejo, sim, namorando alguém mais novo do que eu."

BEATRIZ ROSSI, 46 ANOS

laridade, a curva das solteiras não acompanha a dos solteiros (veja gráfico na pág. 92): na faixa dos 45 aos 49 anos, mais de 12% das mulheres jamais se casaram, contra apenas 5% dos homens. "Era verdade em 1970 e é verdade agora: em 74% dos casamentos, o homem é mais velho que a mulher", confirma Neri. Ocorre que: 1) quanto mais alta a faixa etária, maior é o número de homens comprometidos; 2) quando se descomprometem, eles tendem majoritariamente para mulheres de faixa etária bem inferior; 3) ainda por cima, morrem mais cedo (sete anos, em média). Logo, a pirâmide de parceiros se estreita justo no momento em que a mulher que deixou para se casar mais tarde começa a apontar o radar nessa direção. O dado estatístico é comprovado empiricamente por qualquer mulher que esteja no mercado amoroso. "O homem mais disponível é casado. O mais interessado é jovem de-

mais. E os mais difíceis são os da mesma faixa etária, que só querem sair com meninas novinhas", resume a advogada Eunice Feigel, 53 anos, uma solteira da linha realista, que gosta da liberdade de ação proporcionada pela solteirice, mas reconhece a dureza da falta de ter alguém "para dividir emoções". Na imensa maioria dos casos, a mulher não parou, pensou e resolveu: não vou me casar. Viver sozinha é, em geral, ou buscar e não achar parceiro, ou consequência não planejada de uma trajetória voltada para a realização profissional. "Estava me divertindo, a vida estava boa, trabalhava bem e sempre achava que aquele não era o cara para a vida inteira. Eu me distraí e não me casei", relata a escritora e atriz carioca Ângela Britto, 38 anos, que só reclama mesmo quando sente na pele bem-cuidada e sem rugas o peso do que descreve como um preconceito nacional contra a solteira madura.

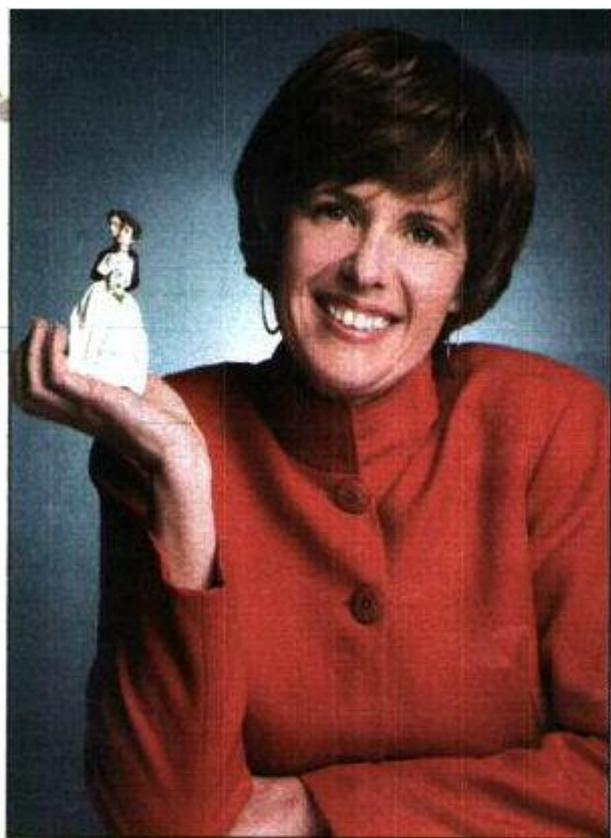
"Quando sou apresentada a alguém e digo que nunca me casei, as pessoas começam a procurar o que eu tenho de errado", critica. A idéia de que é perfeitamente possível levar uma vida plena e satisfatória, sem cair no individualismo estéril nem na solidão autodestrutiva, também não tem nada de estranho para a professora de inglês Elizabeth Salem

Chammas, 54 anos. "Pude viajar o mundo inteiro. Conheço Líbano, Turquia, Marrocos, Estados Unidos, toda a Europa, o Caribe", enumera. "Se fosse casada, teria viajado menos." Ultimamente, porém, Elizabeth tem repensado suas convicções, sobretudo depois que um homem por quem se sentiu atraída lhe confessou, no dia de seu casamento com outra, que havia se afastado por não ter sentido interesse maior da parte dela. Outra solteira convicta, a arquiteta mineira Leticia de Paula Cardinali, 35 anos, vive o mesmo misto de satisfação pela vida independente e ansiedade pelo que acha que pode estar perdendo. "Às vezes me sinto adolescente, como se o tempo não tivesse passado", diz. "Mas também me assusto quando vejo que já tenho 35 anos e poderia ter um filho."

Outra travessia difícil na aceitação da solteirice feminina é a percepção de envelhecer sozinha — esta, ao contrário da premência biológica de engravidar, uma constatação que se instala devagar, subrepticiamente, na vida da mulher sem companheiro. A consultora de recursos humanos Maria Elisia Marine, 45, não quer se casar, não lamenta a falta de filhos e considera sua vida muito boa, obrigada. "Depois que aprendi a viver sozinha, é difícil tolerar os hábitos dos

PARTILHAR BANHEIRO, NÃO
"Depois que aprendi a viver sozinha, é difícil aprender a tolerar os hábitos dos outros. Casamento tem rotinas que para mim são absolutamente dispensáveis, como dormir junto ou dividir o mesmo banheiro. Acho possível um relacionamento longo sem morar na mesma casa. Às vezes bate a solidão, uma certa tristeza, até um sentimento de fracasso. Mas não posso embarcar nisso, porque o pior é ficar amarga. Tenho muitas amigas casadas que também passam por questionamentos."

MARIA ELISIA MARINE, 45 ANOS



OTAVIO DIAS DE OLIVEIRA

outros", acredita. Mesmo bem resolvida, Maria Elisia conta que há momentos em que baqueia. "Bate a solidão, uma certa tristeza, até um sentimento de fracasso. Mas não posso embarcar nisso, porque o pior é ficar amarga." E conclui, pragmática: "Tenho muitas amigas casadas que também passam por questionamentos". Talvez aí esteja uma pequena lição. Para solteiras, casadas ou enroladas, com filhos ou sem eles, o importante é aceitar que o tecido da vida é forrado de questionamentos. Muitos e, frequentemente, sem respostas fáceis. O que faz a vida valer a pena é enfrentá-los com honestidade, coragem e, se possível, leveza de espírito. Um exercício que

a cronista Danuza Leão pratica habitualmente. "Acho muito bom viver sozinha. Você se habitua a fazer o que quer — e não tem de aturar os amigos dele, as manias dele", contabiliza Danuza, com a experiência de uma vida amorosa recheada de momentos incandescentes, filhos e netos adultos, hoje guardião de dois gatos, sozinha há mais de vinte anos. "Mas tem vezes que eu grito: 'Querida um homem!'. Mais especificamente quando o carro enguiça, ou o computador, ou o DVD. E quando tenho de fazer o imposto de renda. Coisas que só homens têm capacidade de resolver." ■

Com reportagem de Laura Ming



Solteironas x solteirões

Para entender como é mais difícil mudar o estado civil das solteiras quanto mais velhas elas forem, é só acompanhar a porcentagem de homens e mulheres de nível universitário que jamais foram casados, por faixa etária

Mulheres Homens